

A MISTAGOGIA DOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS DE SANTO INÁCIO DE LOYOLA E A TRANSFORMAÇÃO DO SELF

THE MYSTAGOGY OF INGATIAN SPIRITUAL EXERCISES AND THE OR TRANSFORMATION OF THE SELF

*José Benedito de Almeida Júnior**

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar o processo de transformação de si, promovido pelos exercícios espirituais inicianos. Estes exercícios espirituais são um legado de quase quinhentos anos e ainda continuam a ser aplicados nos centros de retiro inicianos em vários países, proporcionando uma experiência profunda para os participantes. Em essência, o propósito dos exercícios é auxiliar o praticante a colocar-se à disposição da vontade divina, por meio, principalmente, do ordenamento das afeições. Não se trata de um conjunto de regras morais, seu objetivo é proporcionar mudanças existenciais na forma de ser no mundo, portanto, trata-se de uma mistagogia. O processo mistagógico dos exercícios ocorre por meio da contemplação, que, na perspectiva iniciano, inclui a inspiração, a imaginação e a ação.

Palavras-chave: Exercícios Espirituais; Jesuítas; Santo Inácio de Loyola; Mistagogia; Imaginação.

ABSTRACT

This article aims to analyse the transformation of the self process promoted by inatian spiritual exercises. These Spiritual Exercises are a five hundred years legacy which is still applied in inatian retreats in various countries, allowing a deep experience to the participants. In essence,

* Doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo; pós-doutor em filosofia pela Faculdade Jesuíta de Belo Horizonte (FAJE). Professor do Instituto e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade Federal de Uberlândia. Professor colaborador do Mestrado Profissionalizante, do Departamento de Filosofia da UNIMONTES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0240796579540981>. E-mail: jbeneditoalmeida@gmail.com.

the purpose of the Exercises is to aid the participant to put oneself available to the divine will through ordering the affections. They are not moral rules, and aim to provide existential changes in the way of being in the world, therefore, being itself a mystagogy. The mystagogic process of the exercises occurs through the contemplation which, in the inatian perspective, includes inspiration, imagination and action.

Key-words: Spiritual exercises; Saint Ignatius of Loyola; Mystagogy; Imagination.

1 A GÊNESE DOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS

O livro dos *Exercícios Espirituais* nasceu das experiências emocionais, místicas e intelectuais de Santo Inácio de Loyola desde sua convalescência em Loyola, no ano de 1521, até sua estada em Manresa nos anos de 1522 e 1523. O texto original foi produzido nesta cidade entre agosto ou setembro de 1522, após a iluminação na margem do rio Cardoner, e fevereiro de 1523, quando retoma sua peregrinação para Jerusalém. Inácio aplicava os exercícios espirituais com outras pessoas, anotava e refletia sobre os resultados das atividades. Dessa forma, desenvolveu uma notável pedagogia dos exercícios destacada nas *Anotações e Adições*. Quando Inácio chega a Paris, para iniciar seus estudos de filosofia e teologia, dois motivos o levaram a preparar uma versão dos exercícios para o latim: a primeira é que queria torna-lo acessível para aqueles que não conheciam o espanhol; a segunda é que foi obrigado a apresentar seu livro para exame da Inquisição por isso necessitou de uma versão em latim. Conforme Custódio Filho:

O texto original, chamado “autógrafo”, foi redigido em espanhol. Bem cedo, durante sua estada em Paris, Inácio necessitou de uma tradução latina para dar os EE a pessoas que não entendiam espanhol e para submeter o livreto à Inquisição. Há duas edições desta versão latina, chamada “Versio Prima”: a primeira foi feita provavelmente por Inácio, em um latim fraco e cheio de hispanismos; a segunda, corrigida por Polanco, secretário de Inácio. Antes de submetê-lo à aprovação romana, o Pe. André de Freux retocou o texto latino, do qual tiraram 500 exemplares, tornando-se a edição “Vulgata”, aprovada por Paulo III em 1548 (CUSTÓDIO FILHO 1994: 17).

Conhecer as origens do livro dos exercícios é de fundamental importância para compreender os seus objetivos e o público ao qual se destina. A respeito de sua gênese, apresentaremos, em primeiro lugar, a crítica de Hadot à proposição de Rabbow e, posteriormente, nos deteremos nas análises de Rahner e de Custódio



Filho. A partir dessas reflexões, poderemos nos dedicar a elementos internos dos exercícios, em especial, o processo de contemplação, que exige a imaginação, e como ele contribui para a transformação de si.

Pierre Hadot, em sua obra *Exercícios espirituais e filosofia antiga* (2014) analisa vários aspectos das relações entre a filosofia cristã e a filosofia greco-romana. Para este trabalho, interessa-nos, sobretudo, duas críticas de Hadot à obra de Paul Rabbow *Seelenführung. Methodik der Exerzitien in der Antike* (1954). A primeira é referente ao fato de que Rabbow aponta como principal característica dos exercícios filosóficos da antiguidade o seu aspecto moral. Para Hadot, porém, isto seria uma redução das características desses exercícios, por isso, afirma: “Falar, porém, de simples ‘exercício moral’ para designar os exercícios filosóficos da Antiguidade é conhecer mal a importância e o significado desse fenômeno”. (HADOT, 2014, p. 68) Desse modo, os exercícios morais antigos e os exercícios espirituais modernos partilhariam dos mesmos objetivos que não se limitam apenas à prescrições morais:

Como dissemos antes, esses exercícios pretendem realizar uma transformação da visão de mundo e uma metamorfose do ser. Eles têm, portanto, um valor não somente moral, mas existencial. Não se trata de um código de boa conduta, mas de uma maneira de ser no sentido mais forte do termo. A denominação exercícios espirituais é, finalmente, portanto, a melhor, porque marca bem que se trata de exercícios que engajam todo o espírito. (HADOT 2014: 69).

A segunda crítica está relacionada trata-se da concepção de Rabbow para quem os exercícios inicianos encontram suas raízes na filosofia antiga e, especialmente, nos exercícios estóicos e epicuristas. Por conta disso, é essencial, para a composição dos exercícios inicianos, o renascimento da filosofia antiga no século XVI e, destacadamente, a valorização da retórica. A finalidade da retórica seria a de, por meio da oratória, intensificar a narrativa viva dos fatos. Conforme, Hadot, porém, tal afirmação é temerária, porque há uma distância cronológica muito grande entre as escolas epicuristas e estóicas e os exercícios inicianos. Por isso, Hadot afirma que é dentro da tradição cristã que as heranças antigas foram encontradas por Inácio. Em suas palavras:

De fato, porém, na Antiguidade, a retórica é apenas um meio entre outros a serviço de exercícios que eram propriamente filosóficos. E,



por outro lado, a espiritualidade cristã, desde os primeiros séculos da Igreja, acolheu, em parte, a herança da filosofia antiga e de suas práticas espirituais e, dessa maneira, é na própria tradição cristã que Inácio de Loyola pôde encontrar o método dos *Exercitia* (HADOT 2014: 69).

A tradição de exercícios espirituais cristãos, de fato, são herdeiras das tradições greco-romanas (as quais, por sua vez, herdaram tais tradições das religiões orientais), porém essa tradição não é herdada diretamente por Inácio de Loyola, mas ela é absorvida por meio de outras obras de exercícios espirituais cristãos que Inácio teve contato nos anos iniciais de sua jornada como peregrino. Além disso, é bom lembrarmos que quando a primeira versão do livro fica pronta, Inácio não tem qualquer formação em filosofia e teologia, que só viria a ter treze anos mais tarde quando começou a estudar na universidade de Paris.

Rahner considera que há três grupos de influências na criação dos Exercícios Espirituais. O grupo “de baixo” são as influências pessoais de Inácio; o segundo grupo é o “de lado”, e refere-se à tradição cristã de espiritualidade; e o terceiro grupo, refere-se à influência mística, por isso, “de cima”:

De baixo: Vamos observar, primeiramente, a influência que exerceram sobre a formação dos pensamentos fundamentais de santo Inácio sua origem, ascendência, educação, seu caráter e temperamento.

De lado. Então vamos, em seguida, estudar a influência “historicamente demonstrável” da tradição cristã sobre este homem assim formado e indicar como esta influência o introduziu no mundo da santidade.

De cima. Enfim, nos restará expor detalhadamente como a graça mística invadiu a alma de Inácio para transformá-lo, imperiosamente, neste “homem da Igreja” cuja ação continua ainda em nossos dias (RAHNER 1948: 18).

Custódio Filho apresenta de modo detalhado as fontes “de lado” que, direta ou indiretamente, influenciaram o pensamento e as experiências de Inácio: “A influência dessas fontes nos EE indica que Inácio estava relativamente em contato com a tradição espiritual da Igreja, com as correntes ascéticas e com a problemática religiosa de sua época.” (1994, p. 16). Assim destaca a primeira obra que é o *Ejercitatorio de la vida espiritual*, publicada em 1500 pelo beneditino Garcia de Cisneros. Conforme Custódio Filho, nesta obra, Cisneros apresenta procura um ponto medial entre uma



vida espiritual intensa e a desconfiança da ascese exagerada. O ponto interessante é o seguinte:

Embora Inácio não o cite expressamente, um seu contemporâneo, Pedro Ribadeneira, considera que a influência do livro é evidente: a oração metódica, a própria expressão “exercícios espirituais”, o princípio da adaptação para que os EE se ordem ‘de maneira tal que convenham a cada um segundo o seu estado e disposição interior e exterior’, o exame de consciência cotidiano, o segundo modo de orar sobre o pai-nosso, a importância dada à Paixão etc. (1994: 15).

As outras obras são *A imitação de Cristo*, escrita por Tomás de Kempis, mas constantemente atribuída a Jean Gerson, por isso a edição também é chamada de *gersonsito* e Inácio recomenda sua leitura a partir da segunda semana. As *Meditações sobre a vida de Cristo*, escritas sob a autoria de um pseudo-Boaventura destacam a humanidade de Cristo, a partir de sua vida concreta. Por fim, *Manuais de confissão*, publicações comuns no tempo de Inácio e que parece haver elementos comuns aos escritos de Inácio: “rever os pecados, considerar os locais em que se viveu, o uso de certas palavras etc.” (CUSTÓDIO FILHO, 1994, p. 16). Sobre a confissão dos pecados na *Autobiografia* há ainda uma nota de rodapé que demonstra muito interesse sobre essas influências. Ela se encontra num comentário sobre a chegada de Inácio em Montserrat, quando combinou uma confissão geral, a nota diz o seguinte: Confissões de vários dias, com muito cuidado de pormenores, para os quais havia até formulários especiais, eram muito comuns naquele tempo” (2015a, p. 55)

O nascimento dos *Exercícios Espirituais* é decorrente de uma sucessão de fatos que poderiam ser considerados coincidências, de um ponto de vista laico. Contudo, do ponto de vista de Inácio, eram intervenções de Deus para sua vida. Assim, o seu processo de conversão coincide com a gênese dos Exercícios. Do ponto de vista da experiência individual de Inácio, podemos dizer que a gênese dos *Exercícios Espirituais* é um conjunto de fenômenos: não se trata somente de iluminações ou de reflexões. São várias etapas nas quais podemos destacar como operação determinante: primeiro, a auto percepção, segundo a reflexão, em terceiro lugar a iluminação, que representam desde o início até a conclusão do primeiro texto em Manresa. A auto percepção é descrita da seguinte forma: Inácio narra que enquanto estava se recuperando das cirurgias, dividia seus pensamentos, sentimentos e



imaginação entre o plano de ser um cavaleiro com o de ser um peregrino. Portanto, tal consideração está relacionada ao momento posterior à segunda cirurgia. Aos poucos foi percebendo que estes dois grupos produziam efeitos diferentes em sua alma:

Notava, ainda, esta diferença: quando pensava nas coisas do mundo, sentia um grande prazer; mas quando, depois de cansado, as deixava, sentia-se árido e descontente. E quando pensava em ir à Jerusalém, descalço e comendo só ervas, e em fazer todos os mais rigores que via que os santos tinham feito, não só sentia consolação quando estava nesses pensamentos, mas também depois de os deixar, ficava contente e alegre (LOYOLA 2015^a: 41-42).

Na sequência do texto afirma que só lentamente foi se dando conta da diferença desses pensamentos e **refletindo** sobre eles concluiu algo que seria importantíssimo em todo processo dos *Exercícios Espirituais*: “Compreendeu então por experiência que de uns pensamentos ficava triste e de outros alegre, e pouco a pouco veio a conhecer a diversidade dos espíritos que se agitavam: um do demónio e o outro de Deus”. (LOYOLA, 2015a, p. 43) A primeira regra para o discernimento dos espíritos está baseada nessa percepção e na reflexão que Inácio fez de como se sentia depois de se dedicar horas ao pensamento de ser cavaleiro e horas ao pensamento de ser peregrino. Segundo lemos: “O inimigo costuma propor prazeres aparentes às pessoas que vão de pecado mortal em pecado mortal, fazendo-as imaginar deleites e prazeres sensuais a fim de mais as manter e aumentar em seus vícios e pecados” (LOYOLA, 2015b, p. 120).

Notemos, ainda que há uma distinção entre prazer e consolação. O primeiro pensamento causa-lhe sensações agradáveis, depois desgosto; o segundo causa-lhe uma sensação agradável e, depois, contentamento e alegria. A outra moção identificada por Inácio foi a de desolação, isto é, um sentimento de desgosto e desânimo que tende a ser paralisante. Para Inácio, o praticante não deve permanecer passivo diante das moções de desolação. A segunda regra demonstra o caminho inverso, quando uma pessoa está no caminho do serviço de Deus, crescendo espiritualmente, o mau espírito põe impedimentos, entristece e a inquieta para que não vá adiante no serviço de Deus. Logo, é preciso que a pessoa tenha uma atitude



frente à influência dos maus espíritos e isso implica em auto percepção e reflexão, conforme MacDowell:

Tendo em vista o papel que desempenhavam as moções interiores na vida espiritual, Inácio considera básico, para o seu desenvolvimento a **atenção** ao que acontece na nossa mente. Trata-se, especificamente, da percepção das moções interiores, da identificação de suas causas e da atitude a tomar em relação a elas (MACDOWELL s/d: 34).

Podemos adiantar, nesse ponto, que em todo o processo das quatro semanas dos *Exercícios Espirituais*, a percepção de si e a reflexão exercem um papel muito importante, porque auxiliam a identificar as moções de consolação e desolação. No entanto, os exercícios proporcionam experiências mais complexas como a contemplação, portanto, trata-se, sem dúvida, de uma mistagogias, conforme definido por Víctor Codina, Javier Melloni e outros estudiosos.

Os exercícios espirituais inacianos podem ser classificados como uma mistagogia, porque apresentam todas as características dos rituais iniciáticos. Etimologicamente, a palavra mistagogia é derivada das raízes: *myo*; verbo grego: “manter os lábios e os olhos fechados”; *agía*: verbo grego, *ago*, conduzir, que formam a palavra de *mystós*: o que está secreto/oculto. O mistagogo é, por sua vez, aquele que inicia os postulantes na experiência mística do sagrado, através de ritos. Senão todas, pelo menos inúmeras culturas produziram seus *ritos de iniciação* que, em geral, estes se dividem em três momentos: a *katábase*: separação inicial do mundo em que vive; provas e a descida aos infernos; experiência pessoal de iluminação; e, por fim, o processo de retorno ou de subida por isso o termo *anábase* que se caracteriza pela reincorporação ao mundo original, mas pertencendo a um grupo determinado. Essa estrutura pode ser considerada, também, tripartite: morte mística; renascimento; e crescimento iniciático ou separação, iniciação e retorno. Ora, nesse sentido os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola podem ser considerados uma mistagogia, que nos permitem adentrar os mistérios de Jesus Cristo, portanto, um caminho iniciático concreto e preciso, que leva a um triplo adentramento aos mistérios do sagrado: os mistérios de Deus; os mistérios de nós mesmos e, por fim, os mistérios do mundo.



Contemplação

Os exercícios possuem vários processos: a preparação do espaço no qual será praticado e a dedicação de certo tempo, não somente para os exercícios como um todo, mas também para suas etapas. Há também outros processos como a oração preparatória, as orações tradicionais; os cuidados com a alimentação, o repouso e os sacrifícios. Neste trabalho daremos ênfase ao processo da contemplação. Para Santo Inácio a contemplação exerce um papel fundamental, pois promove uma vivência das situações existenciais propostas, sejam elas históricas ou apenas imaginadas, como veremos a seguir. No processo de contemplação utiliza-se a imaginação e os sentidos para vivenciar as passagens da vida de Cristo sobre a terra. O processo de contemplação, por sua vez, é desenvolvido a partir de três sub-processos: a inspiração, a imaginação e a ação.

Inspiração

Inspirar-se é admirar um determinado modelo ou tradição e desejar segui-lo, mesmo que esse modelo seja uma única pessoa, um ídolo da música moderna, um ator ou um herói, eles são apenas a parte visível de uma tradição que lhes dá sentido. O processo de inspiração pertence ao nosso modo de ser no mundo: mesmo os mais rebeldes que não querem seguir qualquer tradição também possuem seus modelos exemplares, tais como, músicas que gosta, tipo de literatura, comportamento, como fazer tatuagens etc. Por isso, podemos dizer que encontramos também em Inácio de Loyola, esse arquétipo da inspiração. O que vemos na parte inicial da autobiografia, porém, é a substituição de uma tradição por outra. Conforme sua narrativa ele gostava muito dos romances de cavalaria e inspirava-se nesses modelos para suas ações, não só porque era soldado, mas também pelos seus planos para depois de recuperar sua saúde: fixou em sua mente o desejo de conquistar sua amada, o que implicava em aventuras para chegar até lá, o que dizer a ela e, especial, os feitos de armas que faria para honrar seu nome para ela. Nesses romances, o herói enfrenta aventuras, dificuldades, passa por grandes perigos e sofrimentos. O amor, em geral, é platônico – como nas canções de amor, típicas da poesia medieval – o que indica uma dificuldade ainda maior que só inspira os cavaleiros a lutarem por seu amor.



Nesse mesmo período, pelo fato de somente possuir os livros citados acima, começou a se inspirar no que podemos chamar as aventuras dos homens e mulheres santas, porque enfrentaram grandes sofrimentos, em geral, o primeiro deles é de o seu meio social não aceitar a conversão, mas ainda há grandes sacrifícios, jornadas, conquistas sem o uso da violência, inspirados, porém, no amor divino e não no amor romântico. Sem dúvida alguma, admirou e inspirou-se nos seus grandes feitos e começou a ter o desejo de fazer o mesmo, até talvez com mais rigores e sacrifícios ainda! De todo modo, estas duas tradições – a dos cavaleiros e a dos santos – revezavam a influência em seu espírito ora para proezas mundanas, ora para proezas santas.

Mas todo o seu discorrer era dizer a si próprio: - São Domingos fez isto; também eu tenho que fazê-lo. S. Francisco fez isto; também eu tenho que fazê-lo -. Estes pensamentos duravam muito tempo, e depois de se intrometerem outras coisas, apareciam os do mundo mencionados antes, e também neles se detinha muito tempo. E esta sucessão de pensamentos tão diversos durou bastante tempo, detendo-se sempre no pensamento que voltava, quer fosse das façanhas mundanas que desejava fazer, quer outras coisas de Deus que se ofereciam à fantasia, até que sentindo-se cansado deixava tudo isso e ocupava-se doutras coisas (LOYOLA 2015a: 41).

Ainda que sejam modelos antitéticos, a disposição da alma para a inspiração é a mesma, ele vivencia em seu espírito as experiências lidas nos livros, portanto, a inspiração nessas tradições é acompanhada pela imaginação. Em ambos os casos, percebemos a aspiração pela vida heroica: tanto as aventuras e desventuras de um cavaleiro típico dos romances; como a vida de peregrino, com suas aventuras e desventuras de sacrifícios, penitências, caridade e boas obras, configuram uma vida heroica; sendo que do ponto de vista teológico, a orientação da segunda é muito superior à da primeira.

Imaginação

Inácio dividia-se entre as duas tradições que lhe inspiravam pensamentos, portanto também sentimentos, que o detinham por muito tempo. O fato de estar acamado talvez tenha favorecido o uso da imaginação, uma vez que não podia passar para a ação, de qualquer modo, a imaginação é quem lhe permitirá deter-se muito tempo nos pensamentos, ora mundanos, ora das coisas de Deus. Na sua *Autobiografia* descreve os detalhes da aventura em busca do amor da senhora a qual, dentre todas as coisas



vãs oferecidas pelo mundo se tornara a principal. Segundo Inácio ele se detinha entre duas, três ou quatro horas nesses pensamentos: “[...] **imaginando** o que havia de fazer em serviço de uma senhora, os meios que usaria para poder ir à terra onde ela estava, os motes e as palavras que lhe diria, os feitos de armas que faria a seu serviço.” (LOYOLA 2015a: 40-41) Podemos dizer que ele se imaginava completamente num daqueles romances, porém ele seria protagonista, pois imaginava os lugares, as paisagens, as palavras e as aventuras pelas quais passaria.

A imaginação tornar-se-á importantíssima nos *Exercícios Espirituais* conforme veremos nas citações a seguir.

No item 47 lemos

1º *preâmbulo*: a composição vendo o lugar.

Aqui se deve notar: na contemplação ou meditação de realidades visíveis, como, por exemplo, quando se contempla a Cristo nosso Senhor, que é visível, (3) a composição consistirá em ver, com os **olhos da imaginação**, o lugar físico onde se encontra o que quero contemplar.

(4) Digo “lugar físico”, por exemplo, o templo ou o monte onde se encontra, por exemplo, Jesus Cristo ou Nossa Senhora, conforme aquilo que quero contemplar (LOYOLA 2015b: 33).

Há uma nota de rodapé escrita pelo Pe. Géza Kövecses, SJ, bastante esclarecedora sobre o uso da imaginação nos *Exercícios Espirituais*:

A composição quer colocar o exercitante numa situação ‘existencial’ penetrando, por meio das imagens, na realidade divina; introduzindo-o, por meio do experimental visível, ao mundo sobrenatural, invisível. É preciso que o exercitante, durante a oração inteira, se conserve nessa ‘ambientação’ existencial, profunda, e que faça todas as suas reflexões dentro desta vivência global (LOYOLA 2015b: 33).

Mais adiante nos *Exercícios Espirituais* Inácio propõe o exercício pleno da imaginação inúmeras vezes. Destacaremos um trecho que nos chama especialmente à atenção, porque no processo de imaginação não basta apenas destacar o que é visível, ele indica aos exercitantes que vivam a situação emocional de um personagem: trata-se de imaginar-se como um cavaleiro diante do seu rei, sendo que isso será uma

metáfora do fiel diante de Deus. Assim, uma vez a visão exercitada, as emoções e os sentimentos, também serão, conforme vemos no trecho a seguir das *Adições*:

2ª adição

Despertando, sem deixar espaço para outros pensamentos, dar logo atenção ao que vou contemplar no primeiro exercício da meia-noite. Procurar envergonhar-se de meus numerosos pecados. Recorrer a exemplos: (2) como um cavaleiro que se encontrasse perante seu rei e toda a corte, envergonhado e embaraçado por ter ofendido muito aquele de quem antes recebera tantos dons e favores. (3) Do mesmo modo, no 2º exercício como um grande pecador que, algemado e acorrentado, vai comparecer perante o sumo e eterno Juiz. (4) A exemplo dos prisioneiros acorrentados, merecedores de morte, que comparecem diante do juiz temporal (LOYOLA 2015b: 43).

Na medida em que as semanas dos exercícios passam, a contemplação começa a se concentrar na vida de Jesus Cristo, conforme descrito nos evangelhos e alguns detalhes que estão presentes em obras como a *Imitação de Cristo* e que faziam parte da tradição popular do tempo de Inácio. A natividade é o primeiro grande motivo de contemplação, desde a anunciação até o nascimento. Depois a fuga para o Egito e o retorno à Nazaré. Inácio orienta aos exercitantes que participem das cenas bíblicas, que se imaginem naquela situação: a vida pública, os milagres, os diálogos. Especialmente, podemos destacar os momentos da paixão e da ressurreição, que proporcionam ao exercitante, sentimentos profundos sobre os mistérios da vida de Cristo. Sobre a natividade, que está na segunda semana dos exercícios, vejamos alguns detalhes:

Nesta contemplação verei com os olhos da imaginação o caminho de Nazaré a Belém, considerando a sua extensão e largura, se é plano, se segue por vales ou por encostas. Do mesmo modo verei o lugar ou a gruta onde nasce o Salvador: se é grande ou pequena, se é alta ou baixa, e como está preparada (LOYOLA 2015b: 74).

Sobre a terceira semana, na qual se medita e contempla a paixão de Cristo, as indicações são bem precisas. O primeiro dia é preparatório para contemplar a paixão. O segundo dia, do sofrimento no horto das oliveiras, a condução de Cristo à casa de Anás e depois a de Caifás. No terceiro dia, da casa de Caifás até Pilatos a Herodes. No quarto dia, de Herodes novamente até Pilatos. No quinto dia de Pilatos até a morte na cruz. No sexto dia, da descida da cruz até o sepultamento e “inclusive à casa para



onde Nossa Senhora foi, depois de sepultado o filho.” (p. 84, § 208), No sétimo dia, faz-se a contemplação de toda a paixão novamente.

A quarta semana, por sua vez, tem como principal objetivo os mistérios ou passos da ressurreição. No segundo preâmbulo temos uma sugestão bem clara do processo de imaginação: “Composição do lugar: ver a disposição do santo sepulcro e da casa de Nossa Senhora, olhando em particular suas dependências como quarto, oratório, etc.” (p. 87) depois não há tanta riqueza de detalhes, mas seguindo as passagens bíblicas nos deparamos com vários fenômenos da ressurreição como a aparição para Maria Madalena, o caminho de Emaús, a refeição com os discípulos, da dúvida de Tomé, bem como, os dons do perdão e do espírito santo doados aos discípulos.

Parece-nos claro, portanto, que Santo Inácio considera a imaginação um meio para estimular os pensamentos e sentimentos - conforme a oração preparatória dos *Exercícios Espirituais* - ainda que não tenha essa indicação mais precisa, acreditamos que visualizar o lugar onde se passa a história implique na percepção dos cinco sentidos e não somente da visão. Dessa forma, os sentimentos são mais intensamente direcionados para o objetivo que a oração pretende alcançar. Se a imaginação for utilizada de modo correto, a oração poderá durar mais de uma hora, pois as intenções, as ações e operações estarão ordenadas e concentradas no objetivo principal, tal como vivera em sua convalescença em Loyola.

Ação

Seja a tradição dos cavaleiros, seja a tradição dos santos, em ambos os casos Inácio de Loyola demonstra uma energia vital ímpar para seguir seus propósitos. Ele viveu a vida de cavaleiro até o ferimento de Pamplona e não pensava abandonar a esperança aventuras em busca de grandes demandas, por isso, submeteu-se a duas cirurgias para correção da perna, sofrendo muitas dores, porém mantendo-se firme no propósito de recuperar a saúde para suas jornadas vindouras. Assim, vemos nas páginas iniciais da *Autobiografia* vários momentos em que ele se põe determinado a: fazer a jornada a pé, evitar os conhecidos para não receber favores e assim fazer as penitências mais rigorosas; confessar várias vezes, ir à missa com muita frequência; passar noites em vigília orando, em pé, de joelhos, deitado etc.



A jornada de Loyola até Montserrat, onde deposita as armas aos pés da imagem de Nossa Senhora, era bastante longa. Ele porém, ainda passará por Manresa antes de chegar à Barcelona de onde poderia ir para Jerusalém. Conforme os estudiosos, sua estada em Manresa talvez devesse ser mais curta, contudo, ele fez uma estadia de aproximadamente onze meses nessa cidade, na qual os acontecimentos levaram à composição dos *Exercícios Espirituais* e grandes transformações em sua vida. Podemos dizer, portanto, que Inácio, era uma pessoa com grande energia pessoal, quando estabelecia um objeto conseguia dedicar-se a ele com muita concentração. Esse fenômeno aumentará ainda mais quando “ordenar suas afeições” e dirigir suas ações conforme a vontade de Deus, conforme ele diz em seus escritos. Antes de chegarmos a esse outro ponto de transformação (o primeiro foi a mudança do desejo de ser cavaleiro para ser peregrino) vamos fazer mais algumas análises do processo de gênese dos *Exercícios Espirituais* a partir de suas experiências pessoais.

2 CONCLUSÕES E APONTAMENTOS

Como conclusão desse trabalho destacamos que todo esse processo, iniciado com suas leituras durante a convalescência em Loyola, até a iluminação nas margens do rio Cardoner, implicam em um fortalecimento espiritual, uma certeza de qual caminho deveria tomar. Ainda não amadurecera completamente, muitas experiências e incertezas ainda viriam, destaco especialmente, as prisões que o aguardavam, a desconfiança das autoridades religiosas em relação aos seus *Exercícios Espirituais*. Em todas estas experiências no entanto, possuía força espiritual para suportar os golpes do destino, como também, as suas benesses. Levava consigo a primeira versão dos *Exercícios Espirituais* e aos poucos começou a orientar outras pessoas nessa experiência e, como dissemos no início desse trabalho, refletindo muito sobre a experiência de dar os exercícios.

Os exercícios são uma jornada em várias etapas, de um lento amadurecimento, desde o início, porém, se se tem certeza de qual rumos tomar a pessoa estará preparada para enfrentar os desafios com coragem. Essa certeza advinda das experiências místicas, da reflexão e da constante auto percepção tornam os *Exercícios Espirituais*



uma herança fundamental para os dias de hoje. O homem moderno mal consegue conceber a profunda experiência mistagógica que eles proporcionam.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Jesús. La transformación del yo en la dinámica de los ejercicios espirituales: etapas de un proceso. **Psicología y ejercicios ignacianos**. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, MANRESA 5 – volumen 1: 71-93, 1990.

CABARRÚS, Carlos R. ¿Por qué no nos cambian los ejercicios espirituales? **Psicología y ejercicios ignacianos**. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae. MANRESA 5 – volumen 1: 277-284, 1990.

CONDINA, Víctor. La mistagogía ignaciana. **Revista Iberoamericana de Teología**. Vol. V, nº 9: 7-26, 2009.

CUSTODIO FILHO, Spencer. **Os exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola**: um manual de estudo. São Paulo: Loyola, 1994.

DECLoux, Simón. La transformación del yo y la experiencia de la relación interpersonal con Jesús. **Psicología y ejercicios ignacianos**. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae. MANRESA 5 – volumen 1: 397-41, 1990.

DIVARKAR, Parmananda. La transformación del yo y la experiencia espiritual: el enfoque ignaciano a luz de otros modelos antropológicos. **Psicología y ejercicios ignacianos**. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae. MANRESA 5, volumen 1: 23-34, 1990.

FRICK, Eckard. La imaginación en cuanto método de la transformación del yo. In: **Psicología y ejercicios ignacianos**. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae. MANRESA 5, volumen 1: 287-303, 1990.

FILELLA, J., S.J. Los ejercicios espirituales y la psicología de C. Jung. **Psicología y ejercicios ignacianos**. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae: MANRESA 5, volumen 1: 310-329, 1990.

IMODA, Franco. Ejercicios espirituales y cambio de personalidad. In: **Psicología y ejercicios ignacianos**. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae. MANRESA 5, volumen 2: 271-286, 1991.

HADOT, Pierre. **Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga**. São Paulo: É Realizações. Trad. Flavio F. Loque e Loraine Oliveira, 2014.

JUNG, Carl Gustav *et alli*. **O Homem e seus Símbolos**. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

JUNG, Carl Gustav. A vida simbólica. **Obra Completa, vol. 18/1**. Trad. Araceli Elman e Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2011.

LOYOLA, Santo Inácio. **Autobiografia**. Trad. António José Coelho, s.j. Braga: Editora A.O., 2015a.



LOYOLA, Santo Inácio. **Exercícios Espirituais**. Trad. Pe. Joaquim Abranches. São Paulo: Loyola, 2015b.

MAC DOWELL, João A. A. A. s.j. (s/d) Notas sobre as noções de “moção”, “consolação” e “desolação” nos Exercícios Espirituais. São Paulo: Itaici: Cadernos de **Espiritualidade Inaciana**. CEI-Itaici; Ed. Loyola.

MAC DOWELL, João A. A. A. s.j. Purificação do Coração. São Paulo: Itaici: **Cadernos de Espiritualidade Inaciana**. CEI-Itaici; Ed. Loyola. N. 41, Ano 11: 43-60, 2000.

MELLONI, Javier. s.j. **La mistagogía de los ejercicios**. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2001.

RAHNER, Hugo. s.j. **Saint Ignace de Loyola et la Génese des Exercices**. Trad. Gui de Vaux, s.j. Toulouse: Apostalat de la Prière, 1948.

RODRIGUES, Maria Tereza Moreira. **Exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola**: uma revistação do texto em diálogo com Roland Barthes. Dissertação de Mestrado. PUC-São Paulo, 2014.

SÁNCHEZ-RIVIERA, Juan M. Cambios en la evolución de la consciencia personal. In: **Psicología y ejercicios ignacianos**. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae. MANRESA 5 – volumen 1: p. 285-293, 1991.

